

## O fim do boleto e do cartão

Rafael Façanha (\*)

O mercado financeiro brasileiro passa por uma transformação que vai modificar o relacionamento das empresas do setor com seus clientes

Os instrumentos utilizados para intermediá-lo serão amplamente modificados e o PIX é um exemplo do que está por vir com o open banking, sendo que a terceira fase facilita justamente as compras com o meio inovador de pagamento, sem a intermediação de bancos. Conforme o instituto de pesquisa Mind Miners, o PIX já é o terceiro método mais usado em compras online no Brasil, superando o cartão de débito.

Diante de tantas mudanças a partir do open banking, a cultura de dados deverá nos levar ao fim do uso de boletos e cartões, tendência que pode parecer extremista se analisada neste 2021. Porém, quando paramos para pensar na revolução da tecnologia em outros mercados, a afirmação passa a fazer sentido.

Por exemplo: podemos traçar um paralelo com a introdução do smartphone em nossas vidas, fator que revolucionou o mercado da comunicação e tornou-se uma ferramenta tão cotidiana que nem conseguimos imaginar como era nossa vida antes do surgimento dos iPhones e Blackberies. Algo parecido deve acontecer com os meios de pagamento como boletos e cartões de débito/crédito, que são apenas uma via para a identificação de informações - afinal com a expansão do uso das tecnologias, estarão todas disponíveis online. O caminho já apontado pelo PIX mostra possível a realização da transação sem a intermediação de uma instituição financeira, utilizando carteiras digitais e por meio de instituições de pagamento.

É algo que deve se popularizar cada vez mais, só possível graças ao direcionamento data driven e de uma mentalidade open finance, que se revela ao longo do processo da transformação financeira que vivemos, e

certamente vai promover uma verdadeira revolução digital no setor financeiro do país, culminando no que chamamos de "invisible banking".

É claro: para que ocorra esta evolução é importante levar em consideração o consumidor, que na ponta deverá ter segurança para compartilhar suas informações em troca de serviços, produtos e soluções melhores. Então, tendo em mente que quem vai nortear tudo isso é o cliente, este agente demandará de seus bancos e de fintechs cuja existência ele desconhece, experiências digitais excepcionais, fluidas e super individuais.

Um benefício latente desta revolução silenciosa é a agilidade, pois com o open finance os clientes poderão mudar para plataformas mais interessantes, de maneira rápida, segura e inteligente - muitas vezes até sedutora. Para o mercado, o open banking oferece a entrada de novos players em um mercado que historicamente apresenta algumas poucas e tradicionais empresas - favorecendo a concorrência saudável.

Outro benefício inclui a aplicação da cultura de inovação no sistema financeiro, que foi bem sucedida em Londres e fez com que a cidade seja considerada hoje como a "capital mundial dos neobancos". Para que toda essa revolução silenciosa tenha êxito será necessário realizar uma preparação tecnológica e a entrega do serviço com excelência, quando este for requisitado.

Parceiros especialistas do setor podem auxiliar de maneira simples a conduzir instituições na jornada open finance. Essa economia digital vai ser um divisor de águas para a experiência de uso e por este motivo, as empresas que oferecerem os melhores aplicativos, que conduzam uma jornada fluida e eficiente terão êxito no setor.

Parte ampla da implementação do open banking, o open finance representa a evolução do mercado financeiro por beneficiar o setor de maneira holística.

(\*) - É Head of Business Development da Trio, onde auxilia empresas na jornada open finance, sendo que já atuou na Stone e Ebanx, entre outras.

## Cinco tendências em negócios para 2022

As turbulentas tempestades provocadas pela pandemia estão dando pequenos sinais de melhora. Contudo, o cenário que se desenha não parece dos mais promissores

Thais Cordero (\*\*)

Para os negócios que sobreviveram a esse período conturbado, é hora de reorganizar e planejar as ações para o próximo ano. No Brasil, a perspectiva é de juros mais altos, somado a uma crise hídrica e às incertezas típicas de um ano eleitoral.

No mundo, já se considera um panorama de estagnação, onde a atividade econômica se encontra estagnada em meio a uma alta inflação. Diante de tantas incertezas, algumas medidas devem ser tomadas a fim de conter a crise e alavancar a retomada econômica. Por isso, listo aqui cinco tendências de negócios que devem se acentuar em 2022.

- 1) Exportação** - As exportações brasileiras registraram recordes no período da pandemia. Entre janeiro e julho foi registrado um aumento de 35,3% em relação ao mesmo período de 2020 - o equivalente a US\$ 161,42 bilhões. O destaque é, sem dúvida, para o agronegócio, cujo PIB também apresentou seu maior crescimento histórico, de 24,31% em 2020. O setor foi favorecido pela desvalorização do Real - especialmente em se tratando da soja e o minério de ferro. A tendência é que mais empresas intensifiquem suas operações internacionais em 2022.
- 2) Internacionaliza-**



Para os negócios que sobreviveram a esse período conturbado, é hora de reorganizar e planejar as ações para o próximo ano.

**ção** - Nos últimos oito anos, o nível de internacionalização das empresas brasileiras saltou de 12,9% para 21,6%. O aumento deixa claro a quantidade de portas abertas para os empreendedores constituírem suas empresas ao redor do mundo, favorecidos pela cotação das moedas estrangeiras e menor tributação em determinados países. A Lei nº 14.195, deve reduzir a insegurança jurídica tanto das empresas estrangeiras que querem atuar no Brasil quando das brasileiras que eram se internacionalizar.

- 3) Fusões e aquisições** - As operações de fusões e aquisições vêm batendo recordes tanto em âmbito nacional quanto internacional. Só no primeiro trimestre essas opera-

ções atingiram US\$ 1,1 trilhão, um recorde desde 1998. Para 2022, a tendência é que cada vez mais companhias busquem essa estratégia como forma de unir forças, melhorar a eficiência e garantir a continuidade dos negócios.

- 4) Reestruturação societária** - Passado o período mais turbulento da pandemia, muitas empresas devem fazer uma análise mais profunda de seu quadro societário. A reorganização interna é uma das chaves para que as empresas consigam sair da crise. É uma consequência das mudanças estruturais que aconteceram ao longo do período dentro das companhias. O objetivo é proteger os direitos dos acionistas ou sócios, aumentando a eficiência e

competitividade das empresas.

- 5) Planejamento sucessório** - Nunca senti-mos tanto a vulnerabilidade da vida como neste período de pandemia. Foram mais de 600 mil óbitos apenas no Brasil - perdas que impactaram muitas empresas. Nesse contexto, a busca por um planejamento sucessório tem sido grande. Segundo o IBGE, a procura por esse tipo de documentação aumentou em mais de 50% em 2020.

Foto: iStock.com

Como mais de 90% das empresas brasileiras são familiares, pensar a sucessão é fundamental para garantir a perpetuidade do negócio. Dados mostram que mais de 70% das empresas não chegam aos filhos e apenas 5% chegam à geração dos netos de seu fundador. Ter uma visão de longo prazo é fundamental.

O ano de 2022 deve ser desafiador, com uma projeção tímida no PIB, de crescimento previsto de apenas 1,57%. Contudo, é hora das empresas olharem mais para dentro. É preciso estar com tudo em ordem e sempre atento aos negócios. Afinal, toda crise sempre reserva boas oportunidades. Estar preparado para aproveitá-las é o que faz a diferença.

(\*) - É advogada e Líder da área societária do escritório Marcos Martins Advogados (www.marcosmartins.adv.br).

## O fim do escritório?

Rafael dos Santos Silva (\*) e Vivaldo José Breternitz (\*\*)

Por conta da pandemia, muitas empresas que nem sequer cogitavam mover sua força de trabalho, mesmo que uma pequena parte, para um formato de teletrabalho, tiveram que reinventar sua forma de atuar em poucas semanas.

Essas semanas se tornaram meses e, agora, quase dois anos depois, 65% dos colaboradores que se tornaram remotos nesse período não querem voltar ao escritório. E 58% destes afirmam que vão procurar outro emprego caso tenham que voltar ao trabalho presencial.

Entre os principais benefícios do home office está a economia no tempo gasto do trajeto entre casa e trabalho. Nas grandes cidades, esse tempo é o grande vilão no dia a dia de milhões de trabalhadores que, segundo uma pesquisa de 2017, chega a tomar uma hora e meia, em média, do tempo de trabalhadores em São Paulo. Outro grande benefício é sentido no bolso.

Quando passam a maior parte do dia longe de casa, acabam gastando mais, desde o almoço com os colegas da empresa, passando por estacionamento, uma água no farol, ou mesmo com



Quase dois anos depois, 65% dos colaboradores que se tornaram remotos nesse período não querem voltar ao escritório.

roupas novas para usar no escritório. No home office, quando se está a alguns passos da cozinha, esses custos diminuem muito. Mas, após o fim da pandemia vai ser muito diferente do que se viu até aqui.

A maioria das empresas pensa em um modelo híbrido: colaboradores podem trabalhar em casa ou no escritório. Dias no escritório ficam reservados principalmente para reuniões de início de projeto, sessões de trabalho colaborativo e criativo. Apesar de ser o ideal para a maioria, segundo pesquisas, o modelo híbrido traz

conseguiu outra série de desafios.

Como um time pode não estar inteiramente presente no escritório, a comunicação empresarial precisa levar em conta a localização de todo o time; não se pode mais reunir toda a equipe em minutos passando na mesa de cada um e chamando para uma reunião geral daqui cinco minutos. A comunicação escrita e assíncrona passa a ser o principal meio de comunicação, pois permite que todos participem e que ideias e projetos recebam a colaboração de quem não estava no escritório naquele dia.

Nessa linha, muitos novos softwares surgiram para apoiar esse novo mundo de trabalho corporativo assíncrono. Não apenas plataformas de chat como o Slack e o Microsoft Teams, ou mesmo de videochamadas como o Zoom e o Google Meet, mas plataformas de gerenciamento de conhecimento empresarial, de reuniões assíncronas, e de gerenciamento de projetos.

Vivemos, sem dúvida, mais uma revolução na forma de trabalho urbano.

(\*) - Engenheiro de software, é mestrando em Computação Aplicada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM);

(\*\*) - Doutor em Ciências pela USP, é professor do Programa de Mestrado Profissional em Computação Aplicada da UPM.

## O ecossistema de liderança e o futuro da sociedade sustentável

Um pequeno grupo de pessoas conscientes e engajadas, pode mudar o mundo, como diria a antropóloga Margaret Mead. E com os CEO's que estão à frente de grandes, médias e pequenas organizações, e que praticam de fato soluções sustentáveis, não é diferente.

Ainda que sejam poucos, o século 21 trouxe grandes mudanças no cenário global, incluindo a de lideranças cada vez mais empáticas, transparentes e respeitadas às pessoas e ao meio ambiente. Elas são, afinal de contas, o futuro de uma nação.

"Antigamente existia uma ideia

de sermos os melhores do mundo dentro do que fazíamos, mas hoje esse conceito mudou e as questões são centralizadas de como sermos os melhores para o mundo.

Os CEOs que já enxergam isso tem um alto nível de autoconsciência, buscam a escuta afetiva e não apenas a escuta ativa", afirma Gabrielle Teco, CEO da Qura - hub especializada em curadoria de conteúdos para empresas e executivos. E eles estão realmente transformando esse cenário. De acordo com um levantamento do International Business Report (IBR), feito pela Grant Thornton em 29 países, para 89% dos

entrevistados, o ESG é importante para os negócios.

Ao falar de relacionamento com os clientes e fornecedores, 54% deles também acreditam que o ESG melhora as relações, e outros 53% dizem que hábitos ambientais, sociais e de governança abrem novas fontes de financiamento a taxas mais competitivas. Um ganha-ganha de todos os lados.

"É uma troca do paradigma do 'eu' pelo 'nós', onde essas lideranças buscam fortalecer os elos de confiança, priorizando os interesses de todos os stakeholders. É um olhar muito mais sistêmico e de interdependência,

mas onde todos trabalham juntos de forma consciente, inovando em produtos, processos e modelos", analisa a CEO. A mecânica para isso funcionar, no entanto, tem que vir do topo, e por isso as lideranças são apontadas como o futuro de uma sociedade cada vez mais sustentável.

Dentre as práticas, não admitir nenhuma medida que coloque em risco as pessoas, em termos de segurança e vida, liderar em prol da educação e do senso de comunidade, construir um legado baseado em suas crenças, convicções e valores em cima de um pilar ético e humanizado, são algumas das experiências dessa jor-

nada que necessitam ser exercidas constantemente.

"Demonstrar interesse nas pessoas, respeito e consideração, responder com empatia, comprometer-se com a inclusão e diversidade, e estimular jovens talentos com o coaching dentro do time e promover práticas em defesa do meio ambiente, são pautas que já estão na cabeça dos novos líderes que virão. Estar comprometido com isso hoje não é apenas saudável, mas é também a alma e futuro dos negócios", finaliza Gabrielle. - Fonte e mais informações: (www.quraeditora.com.br).